



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/corpo-e-linguagem-abordagens-na-linguistica-aplicada/>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2022 by Pedro & João Editores. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

## CATEGORIAS COLONIAIS: GÊNERO E SEXUALIDADE

Simone Tiemi Hashiguti  
Giselly Tiago Ribeiro Amado  
Isabella Zaiden Zara Fagundes  
Fabiane Lemes  
Juliana Prudente Santana do Valle  
Juliana Afonso de Paula Souza  
Anna Luiza Reis Leal  
Priscila Gabriela Oliveira Sousa  
Valdilene Elisa Silva  
Maísa Conceição Silva  
Tiago Éric de Abreu  
Thais Nunes Xavier  
Thaís dos Santos Souza  
Aline Vasconcelos  
Mariana Ruiz Nascimento  
Bruno Alexandre Scapolan  
Eliana de Sousa Andrade Ladeira  
San Thiago de Araújo  
Welton Pereira de Mendonça

Simone  
Tiemi  
Hashiguti

Com base em materiais de apoio sobre o pensamento de Wittig e sobre a teoria feminista, respectivamente, e também no poema: "Eu Não Queria Ser Feminista", de Tawane Theodoro (2019), objetivamos refletir sobre as críticas que essas obras nos permitem vislumbrar sobre algumas disciplinas/áreas de saber e mesmo sobre a ciência moderna como um todo, e uma possível contribuição da teoria feminista para a

constituição de um posicionamento crítico frente às epistemes às quais nos filiamos nos estudos sobre linguagem.

Para dar início à discussão, lanço as seguintes provocações:

Wittig causou polêmica entre as feministas no começo da constituição do próprio movimento feminista ao afirmar que "as lésbicas não são mulheres". Preciado (2017), por sua vez, no seu Manifesto Contrassexual, propõe a "equivalência" dos corpos e não sua "igualdade", e aponta que "toda teoria é contrabando". Lerner (2019), no âmbito da História, propõe uma diferenciação entre história e História, com uma nova mirada para o lugar da mulher na construção do saber histórico. Em todos os textos da coletânea deste exercício, são colocados em xeque conceitos e quadros teórico-interpretativos, a relação entre corpo, sexualidade, identificações de gênero. A partir de sua leitura, como você entende essas críticas e como as associa à pesquisa sobre a linguagem e, se possível, à pesquisa na sua área de concentração, mais especificamente?

Os textos de Wittig e Preciado, assim como o poema de Theodoro "Eu Não Queria Ser Feminista", em minha (eu, Simone) leitura, são tecidos de formulações e marcações de resistência. Se o poema narra o dia-a-dia dos corpos oprimidos, numa cadência que a cada momento expande a gravidade da opressão, no caso de Wittig e Preciado, o tom assertivo das proposições é construído com o que seriam subversões ao modelo do texto científico tomado como "neutro" e "objetivo" dentro da tradição da cientificidade positivista moderna e com uma força elocucional

Giselly  
Tiago  
Ribeiro  
Amado

que creio ser a necessária para constituir um lugar de fala e um lugar de escuta (RIBEIRO, 2018). Nesta disciplina, já tivemos oportunidade de ler Fanon e Kilomba, que também trazem traços autorais e igualmente assertivos em suas proposições. Textos como os de Wittig, Preciado, Fanon e Kilomba são acolhidos como referências fundamentais nesta disciplina para a constituição de quadros interpretativos que possibilitam a crítica epistêmica-decolonial e o questionamento entre a relação corpo e linguagem na pesquisa sobre linguagem. Se concorda comigo, em seu entendimento, quais são as estratégias textuais-discursivas que esses textos têm que materializam esse tom de assertividade e esse lugar de fala/escuta que se constitui? Em que partes dos textos? Em relação a quais conceitos e teorias? Em relação a quais aspectos sociais e/ou identitários? Compreendendo os seres humanos como figuras sociais que desempenham papéis pré-estabelecidos, por meio de criação de padrões de comportamentos, regras e valores sociais foi configurado o sistema do patriarcado, que de acordo com Lerner (2019) é datado de mais de 2500 anos. Desde que se tem registros “as mulheres das tribos conquistadas eram escravizadas primeiro, enquanto os homens eram mortos” (LERNER, 2019, p. 351), somente mais tarde é que foi desenvolvida a escravidão de homens. Assim, em termos patriarcais a constituição de classes e sistemas de opressão foram precedidas pela escravização da mulher, o que coloca a classe e o gênero na relação expressa pela opressão.

Ao longo da história a sociedade foi se estabelecendo por acordos econômicos promovidos por arranjos de casamentos, podendo as noivas serem vendidas para saldar as dívidas das famílias, negociações estas, controladas pelos homens, que detinham também o controle da sexualidade, do corpo da mulher. Desta maneira, “as mulheres eram sempre exploradas como trabalhadoras, fornecedoras de serviços sexuais e reprodutoras” (LERNER, 2019, p. 354). Porém, apesar de favorecer o homem, o sistema do patriarcado também é sustentado por mulheres, à medida em que as mulheres são doutrinadas a subserviência sob contrato de subordinação ao homem em todos os campos, o que as moldam a internalizarem a própria inferioridade.

Isabella  
Zaiden  
Zara  
Fagundes

De acordo com Wittig “há sempre o sexo que é oprimido e o sexo que oprime” (1982, p. 64), isto é, considerando o binarismo, o sexo masculino sempre é o que oprimiu e o feminino sempre foi oprimido. Essa opressão é histórica e pudemos observar esse desenrolar pelo texto da Lerner (2019) no qual ela faz um estudo historiográfico da criação do patriarcado e por conseguinte da dominação/opressão da mulher.

A assertividade desses textos se dá, a meu ver, por esses teóricos vivenciarem a opressão, o preconceito, a distinção que se faz entre homens/mulheres, heterossexuais/homossexuais, sempre desqualificando e diminuindo as minorias. É fato que muito já foi feito, em termos de lutas feministas e dos grupos LGBTQIA+, mas há um longo caminho ainda a ser percorrido, pois essa é uma dominância social.

Fabiane Lemes                      Entretanto, tendo em vista a heterogeneidade do “ser mulher”, torna-se relevante dar voz a expressões silenciadas do feminismo. Haja vista essa necessidade, as interseccionalidades visam a considerar subjetividades de forma a problematizar a atuação conjunta de poder e dominação, ambos constituintes de estruturas rígidas na sociedade. Em outras palavras, a interseccionalidade permite compreender e desmembrar a opressão sofrida pela mulher em estruturas múltiplas, as quais se articulam promovendo e legitimando a desigualdade entre homens e mulheres que reverbera ao longo dos anos. Nessa conjuntura, o feminismo decolonial problematiza a violência relacionada ao contexto do colonialismo, em que o poder colonial atua concomitantemente ao poder patriarcal.

Juliana Prudente Santana do Valle                      Recordando o conceito de interseccionalidade, podemos nos referir ao ser surd@, negr@, homossexual, lésbica, acadêmic@, produtor@ de conhecimento, por exemplo. Contudo, enfrentando, ainda, o ser surdo, pertencente a um grupo minoritário, em um país de predominância ouvinte, em que sua língua e cultura são inferiorizadas. Onde só fato de ser surd@ é motivo de discriminação. Conforme Wittig (1980), “a sociedade heterossexual é a sociedade que não oprime apenas lésbicas e homossexuais, ela oprime muitos diferentes/outros, oprime todas as mulheres e muitas categorias de homens, todas e todos que estão na posição de serem dominadas(os)”. Muitas vezes, essa dominação ocorre pela comunicação ou falta dela.

Há a imposição do aprendizado da língua oficial do país, portuguesa, sem ela esse sujeito não tem

acesso a inúmeras informações, sendo assim, é obrigado a aprender essa língua muitas vezes antes de aprender sua própria língua, sem levar em consideração que” o mundo inteiro é apenas um grande registro onde as mais diversas linguagens surgem” (WITTIG, 1980), ficando claro que “os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder material dominante numa dada sociedade é também a que detêm a força intelectual dominante” (WITTIG, 1982).

Juliana  
Afonso de  
Paula  
Souza

Considero que Theodoro (2019) expõe e representa a dura realidade de muitas mulheres na atualidade, seus conflitos e receios não só pelo fato de serem mulheres, mas também podem estar envolvidas questões raciais, econômicas e sociais. Infelizmente, ainda há mulheres que negam seus sofrimentos, pois são alienadas por discursos concebidos pela sociedade machista que as deixam invisíveis como sujeitos, o que pode ser constatado pelo o que salienta Wittig (1982) “As mulheres não sabem que são totalmente dominadas pelos homens, e quando reconhecem esse fato “mal podem acreditar”. Tal postura, reitera a diferença entre mulheres e homens, visto que os homens “sabem perfeitamente bem que eles dominam as mulheres (...) e eles são treinados para fazê-lo (WITTIG, 1982).

A autora Wittig (1982), em seu texto, esclarece que “Masculino/feminino, macho/fêmea são categorias que servem para ocultar o fato de que as diferenças sociais sempre pertencem a uma ordem econômica, política e ideológica”. Desse modo, Wittig ressalta o erro em considerar

naturalizada a construção de categorias gênero e sexualidade, a partir da matriz heterossexual hegemônica, pois, “ é a opressão que cria o sexo e não o contrário”.

Anna Luiza  
Reis Leal

Os discursos arraigados em ideologias que subalternizam os corpos, especificamente no caso dos corpos femininos, estão infiltrados em vários contextos que fazem parte da vivência histórica-social. Assim sendo, as mulheres se encontram frente à necessidade de resistir, conforme bem explicitado no poema de Thawane Theodoro, ao sistema que as coloca em posições passíveis de dominação e objetificação.

Priscila  
Gabriela  
Oliveira  
Sousa

As mulheres foram excluídas da iniciativa de criar sistemas de símbolos, filosofias, ciências e leis. Elas não apenas vêm sendo privadas de educação ao longo da história em toda sociedade conhecida, mas também excluídas da formação de teorias (LERNER, 2019).

Valdilene  
Elisa Silva

Hubbard (1993) apud Paiva, (1997) diz que “toda ciência é derivada da tradição patriarcal, uma vez que, a maior parte dela, foi desenvolvida e controlada por homens brancos e de classes média alta e alta, que compõem o mundo científico, o qual ela denominou de "torre de marfim". Esse primeiro conflito de que toda ciência existente antes do feminismo reflete a dominação masculina e conseqüentemente negligencia a mulher nos leva as perguntas, e quanto a todo o aparato existente para o desenvolvimento de estudos, pesquisas e produções? Eles também foram afetados? Precisamos refletir se os métodos por exemplo, conseguem atender a esses estudos, ou se precisamos questiona lós também.

De acordo com Paiva, (1997, p. 523) “a segunda questão refere-se ao rigor científico, pois o novo conhecimento precisa garantir que os processos utilizados sejam bem fundamentados, irrefutáveis, justificáveis e relevantes”. Diante disso, dizer que a sociedade é patriarcal e que os meios científicos de resistência, por meio da linguagem, também o são, tornou-se uma verdade que precisa ser ressignificada.

Maísa  
Conceição  
Silva

Em *O Pensamento Hétero*, Wittig (1992) nos mostra que sujeitos, como lésbicas, mulheres e homens homossexuais, são oprimidos a partir de uma perspectiva que toma como certo que a base da sociedade, de qualquer sociedade, seja a heterossexualidade. Estes discursos falam sobre esses sujeitos, alegando dizerem a verdade em um campo apolítico, como se qualquer coisa que significa algo pudesse escapar ao político neste momento da história, e como se pudessem existir signos politicamente insignificantes. Esses discursos da heterossexualidade oprimem no sentido em que impedem de se falar, a menos que se fale nos termos deles.

Tiago Éric  
de Abreu

É compreensível, até certo ponto, a escolha de quem prefira trabalhar a linguagem e o discurso desde a perspectiva que não entre em pontos que dizem respeito à “reivindicação” de direitos ou a justiça social, ou que não considere o universo empírico para estabelecer seu constructo teórico. Mas há que se ter em mente que isso constitui uma escolha não apenas metodológica, mas política. Qual o estado de coisas colabora por perpetuar uma teoria da linguagem e do discurso que coloque as outras como “militantes” e a si mesma como “ponderada”, que tem como anteparo o “Conceito” puro, sem

mesclas, e se resguarde atrás de princípios epistêmicos como se não fossem parte da história? Mesmo as mais rigorosas empresas intelectuais não estão imunes à doxa.

Giselly  
Tiago  
Ribeiro  
Amado

Partindo da forma naturalizada que nossa sociedade estabelece a construção das categorias gênero e sexualidade, a partir da matriz heterossexual hegemônica, Wittig propõe uma crítica à ciência linguística quando retoma o início da semiologia, época em que havia a possibilidade desta área lidar com diferentes signos e materialidades de maneira a possibilitar transformações sociais, porém, ela se limitou a ser apenas um ramo fechado à linguagem e subordinado à linguística. A crítica que a autora tece está ligada à falta de compromisso social da semiologia, o que reflete em outras ciências que se fundamentam alheias às questões sociais, implicando na compreensão de que “os seres humanos são dados como invariantes, não tocados pela história e não trabalhados por conflitos de classe, com psiques idênticas porque [são] geneticamente programadas” (WITTIG, 2006, p. 1).

Thais  
Nunes  
Xavier

Sobre o pensamento dominante, Wittig (2006) nos diz que os discursos se encaixam uns nos outros, interpenetram-se, apoiam-se uns aos outros, reforçam-se uns aos outros, auto originam-se e dão origem uns aos outros. O conjunto dos discursos que passam a circular na sociedade, produzem “uma estática confusa a oprimida que faz perder de vista a causa material da sua opressão e a lança numa espécie de vácuo a-histórico”, como se fosse algo natural, que acontece sem que o indivíduo perceba. É como as mulheres se sentem, incapazes de perceber que

são exploradas, tolhidas, invisibilizadas, apagadas, enquanto os homens dominam e controlam seus corpos, como se fosse algo inerente à natureza dos seres humanos.

Fabiane  
Lemes

A linguagem tem o poder de subordinar e excluir as mulheres. Não que a linguagem seja estruturalmente misógina, mas assim o é em sua aplicabilidade. Assim, Wittig compreende a prática de marcação do gênero na/pela linguagem como contingente e dispensável. Bourdieu (2010) argumenta que “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção”, portanto o masculino se apresenta como neutro e livre de estigmatizações tanto na percepção social quanto na linguagem.

A emergência ou não de determinado discurso, suas condições de produção, compreendidas como a relação entre as circunstâncias de um discurso e seu processo de produção (PÊCHEUX, 1999), estão imbricadas a questões de ordem política, ideológica e histórica, instituídas transversalmente às relações de poder.

Thaís dos  
Santos  
Souza

Ao pensarmos na relação dos estudos da linguagem e do corpo, observamos que tal dizer conversa com o pensando de Foucault (2020, p.28-29), quando ele diz que “o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele”. Afinal, tanto a linguagem/discurso e o corpo são interpelado[s] pela história e ideologias. Nessa linha, o discurso dominante frente aos pensamentos da diferença sexual provê uma ordem de pensamentos, discursos e atos que refletem os conflitos e luta de classes entre mulheres e homens.

Aline Vasconcelos Quando Wittig (1980, p. 1) coloca a questão de que lésbicas não são mulheres e principalmente, que "a linguagem relaciona-se com um importante campo político onde o que está em jogo é o poder, ou, mais ainda, uma rede de poderes, uma vez que existe uma multiplicidade de linguagens que constantemente agem sobre a realidade social", ela está resistindo a um pensamento hétero, como ela mesma nomeia; um pensamento que personificado por discursos dominantes "coloniais" nomeia e classifica os corpos, intenta estabelecer "ordens simbólicas" que oprimem as classes vistas como subalternas.

Encontramos em Benveniste (BENVENISTE, 2006, p.222) que "bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver", nessa perspectiva, pela língua, o sujeito assimila a cultura, a perpetua ou a transforma; tudo o que ele conhece do mundo exterior dá-se por meio da palavra do outro. É nesse movimento de resistência a palavra do Outro que Wittig e Tawane Theodoro propõe uma transformação da dominação patriarcal.

Thaís dos Santos Souza Observo uma preocupação em governar os corpos oprimidos, apresentando um desdobramento do exercício do poder da classe dominante acerca do corpo, mantendo sobre ele o olhar atento sobre seu corpo e sobre sua sexualidade. No corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados, como é visível na história da humanidade e até mesmo na bíblia, se formos observar. Ademais, a dominação não envolve somente a linguagem no que se refere ao dizer/discurso, mas também o corpo, essa ideia do que ser mulher, sem direito de falar e até mesmo questionar, reporta a um

Thais Nunes Xavier	<p>corpo que só se torna útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (FOUCAULT, 2020, p.28-29).</p> <p>Wittig (1982) nos mostra o sentido da opressão por meio da ideologia da diferença sexual, que vem mascarar naturalizando a oposição social entre mulheres e homens. Essa oposição acontece por meio da opressão que cria o sexo; não há sexo; há sexo que oprime e sexo oprimido. Somente após a insurgência da luta que a realidade violenta das oposições e a natureza política da diferença se tornam evidentes. Antes do conflito não existem categorias de oposição, apenas de diferença. Se não há conflito, não há dialética, não há mudança. Se não existe a luta das mulheres, não existe conflito entre homens e mulheres.</p>
Mariana Ruiz Nascimento	<p>A crítica de Wittig refere-se a esse aparato teórico que passa a ser estabelecido dentro dessas perspectivas de linguagem e inconsciente. Por exemplo, os discursos que oprimem lésbicas e homens homossexuais são os que tomam como certo que a base de qualquer sociedade é a heterossexualidade. Para a autora, os conceitos que circulam na sociedade quanto à identidade hétero revelam categorias que universalizam conceitos que dizem ser aplicáveis a todos os indivíduos com um corpo específico (WITTING, 1982).</p>
Bruno Alexandre Scapolan	<p>Se refletirmos bem o gênero é uma das categorias mais “normatizadas” dentre todas as impostas aos seres humanos. A mulher no decorrer das civilizações foi sempre subordinada ao homem garantindo-lhe sua descendência e isso desencadeia nas construções de gênero que tornam o homem “o sexo forte”, e a mulher “o sexo frágil” que deve sempre estar subordinada.</p>

As modalidades de dominação patriarcal podem variar de acordo com o espaço e o tempo; em relação às mulheres, elas vão desde a imposição de formas de redução da liberdade dos movimentos feministas até às práticas da vida cotidiana (desigualdade nas condições de trabalho, nas tarefas domésticas, nos estudos, etc), à internalização dos padrões estéticos que impõem uma deformação do corpo (dietas de emagrecimento até anorexia, lipoaspiração, etc). Mas não é só isso: ao lado das figuras tipicamente “femininas”, ou melhor, feminizadas, e das “masculinizadas”, precisamos também lembrar as construções sociais das figuras que estão fora desta típica dicotomia.

Em nossa cultura, os gêneros são atribuídos com base biológica e reduzidos a homens e mulheres heterossexuais, gays ou lésbicas, transexuais ou travestis. De acordo com Wittig (1980, p.4) “dando um significado absoluto a estes conceitos, quando são apenas categorias fundadas sobre a heterossexualidade, ou sobre um pensamento que produz a diferença entre os sexos como um dogma político e filosófico”. Isso evidencia o quanto os modelos de gênero estão presentes e como os indivíduos devem se adaptar a eles. A análise das realidades sociais nos possibilita ver o modo como elas absorvem e refletem estruturas hierárquicas (heterocêntricas) que, conforme o discurso de gênero, são propagadas e naturalizadas. A produção de um determinado espaço social também serve para produzir um certo tipo de “corpo”; um corpo concebido tanto como uma dimensão material da pessoa quanto como um conjunto de conceitos e ideias

socialmente construídas. Ideias e/ou conceitos que nos mostram e legitima o que é “apropriado” (e assim normal/normatizado) para o corpo de um homem e o que é para o corpo de uma mulher (MINCA, 2001). O modo como os corpos são percebidos e concebidos reflete o espelho da construção social, o “lugar” no qual as relações e concepções de gênero se formam.

Os assuntos, dependendo da conformidade ou não com as “regras”, são incluídos ou excluídos da vida pública e na sociedade de modo geral. Um exemplo que podemos ter são os debates que muitas vezes são desencadeados em torno do Orgulho Gay (Parada Gay), vistos como manifestações que contrariam e perturbam o senso comum, são vistos como verdadeiras aberrações, que, ao mostrarem sua não heterossexualidade, automaticamente tornam-se “transgressores” do espaço público (MINCA; BIALASIEWICZ, 2004).

Eliana de  
Sousa  
Andrade  
Ladeira

“O pensamento dominante se recusa a olhar para si mesmo de forma a apreender aquilo que o questiona” (WITTIG, 1982). O meio científico e ciência moderna como um todo ainda continuam presos em um paradigma tradicional positivista-empirista constituído por uma visão dominante com relação ao processo de produção do conhecimento. Neste meio, a mulher ainda é vista de forma tradicional, como aquela que é a responsável pela reprodução da sociedade heterossexual (WITTIG, 1982). Contudo, este sistema de dominação tradicional e patriarcal tem origem histórica de acordo com acadêmicos com uma visão crítica, podendo ser extinto em circunstâncias históricas diferentes.

- San Thiago de Araújo Há ainda autores como Katz (1996) e Eribon (2008) que nos permitem ver como – de forma relativamente recente – os exercícios do desejo passaram a cunhar as identificações de sexualidade. Os autores relatam como, no final do século XIX e início do século XX, as práticas sexuais passaram a constituir sujeitos, isto é, se antes se tratavam de algo que qualquer indivíduo poderia exercer, há cerca de 100 anos tornou-se um atributo intrínseco às pessoas que as identifica como a/o homossexual, o gay, a lésbica, dentre outras identificações.
- Welton Pereira de Mendonça A língua, em sua forma enquanto comunicação, está carregada de ideologias e não ditos, que ao se analisar vocábulos, frases-feitas e locuções utilizadas de forma corriqueira como “normais”, estão abastecidas de preconceitos, subordinação e colocando o “homem branco heterossexual” como o guardião do que pode e não pode ser dito ou feito.
- Valdilene Elisa Silva Os corpos em situação de vulnerabilidade podem encontrar uma razão de estar no mundo, pelo que Wittig, (1980) classifica como pensamento hétero, que são um aglomerado de ideias, teorias e disciplinas que se transformam em leis de opressão do corpo, dito feminino. Muitas instituições corroboram com esse pensamento e o reproduzem com imposição e poder. Compondo esse pensamento hétero a autora destaca os termos homem e mulher como conceitos políticos opostos, e conseqüentemente excludentes e limitados como qualquer outro binarismo. Portanto, ao falar desse conceito excludente de homem e mulher eu não poderia deixar de citar os “corpos falantes” expressão usada por Preciado, (2014) justamente para romper com a divisão

desses corpos, e a construção de grupos, ela, Preciado, retrata esses corpos falantes como produções de performatividades e ainda, que precisamos vê-los a partir das suas micro relações. Os dois textos, de Wittig e Preciado, conversam bem sobre esse ponto.

A propósito, essas críticas apresentadas nos levam a discutir a elaboração do corpo, a partir de gênero, sexo e sexualidade. Como entendemos esses termos é determinante para o contexto social e político de permanência e manutenção de diferentes espaços. A escolha de compreensão ou o não direito de escolha desses conceitos, resulta em conflitos que geram preconceitos, segregações e variadas opressões para com o outro, o diferente.

San Thiago  
de Araújo

Autoras(es) como Laqueur (2001) e Fausto-Sterling (2016) nos permitem perceber como o conceito de sexo se modificou ao longo da história da humanidade. Laqueur (2001) faz uma genealogia desse conceito e conclui que, por mais de mil anos, só se compreendeu a existência de um sexo e as diferenças corporais se tratavam de níveis de (im)perfeição dos corpos, de forma que pessoas com vaginas (traço de imperfeição), por exemplo, ao passo que se portava com louvor, poderia, naturalmente, desenvolver um pênis (traço de perfeição). Anne Fausto-Sterling (2016), por sua vez, aponta uma complexidade nos corpos que impossibilita uma classificação exata de todos eles nas categorias macho e fêmea. Para a bióloga, historiadora e feminista, o discurso médico tem garantido ao sujeito da medicina sustentar uma mitologia normativa que enquadra todos os corpos em uma dessas duas categorias.

No entanto, a autora aponta que essa normatização é social, e não científica. Ou melhor, as ciências e epistemologias que as sustentam, são marcadas por condições históricas e sociais. Segundo Fausto-Sterling (2016), as diferenças corporais (cromossomos, órgãos, hormônios, etc.) são nítidas, mas a escolha de denominá-las como sexuais é política, bem como a limitação de suas combinações a duas únicas possibilidades: homem e mulher.

Fabiane  
Lemes

Lembrei-me de um outro texto que li ainda no mestrado da professora Andrea Nye, intitulado A Teoria Feminista e as Filosofias do Homem. Em um dos trechos, Nye aponta que o complexo da castração, abordado por Lacan, não se baseia em qualquer órgão físico ou questão anatômica, mas decorre de uma construção simbólica portadora de significado. Tal jogo, embora simbólico e predominantemente inconsciente, exigiria um significante dominante, capaz de garantir ao sujeito um lugar. Nesse sentido, o Falo apresentar-se-ia como dominante, portanto símbolo do desejo. A partir dessa linha de raciocínio, as mulheres estariam em desvantagem, pois o significante do seu desejo não estaria em si, mas no corpo de outrem. Essa seria, de certa forma, a justificativa primária da sujeição, conseqüentemente da ausência de identidade, características que se manifestam inclusive na linguagem, quando a marca do masculino é considerada natural/neutra. Em outras palavras, o sujeito feminino teria sempre de pairar no limiar da não-existência.

San Thiago  
de Araújo

Um diálogo possível entre essas autoras diz respeito à forma como mostram a instabilidade de

conceitos que, no geral, tomamos como naturais. E, a partir disso, penso que se tornam mais compreensíveis os apontamentos de Foucault (2020) sobre o sexo ser um discurso e as críticas sociais realizadas por Wittig (1982; 2006) e Preciado (2014), ao apontarem a divisão sexual, advinda do conceito do sexo, cunhada e cristalizada a partir do século XVII, como forma de justificar, pelo corpo, as possibilidades e limitações dos indivíduos.

Nesse sentido, acredito que um dos aspectos revolucionários dos pensamentos de Wittig (1982; 2006) e Preciado (2014) – e que socialmente, ainda hoje, não foi compreendido – refere-se aos aspectos sociais sobre os quais, não só gênero, mas também os conceitos de sexualidade e, sobretudo, sexo foram cunhados. A partir de minhas leituras dessas autoras e autores aqui brevemente elencados, acredito que este último seja, na realidade, uma condição de possibilidade dos outros dois.

## Referências

- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
- BOURDIEU, P. (1930) A dominação masculina. Trad. Maria Helena Kuhner. 9. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- GROSSI, M. P. O Pensamento de Monique Wittig. In: *Cadernos de Gêneros e Diversidade*. Vol 04, N. 02 - Abr. - Jun., 2018.
- ERIBON, D. *Reflexões sobre a questão gay*. Tradução de: Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 17-18, p. 9–79, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644553>. Acesso em: 19 mar. 2021.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 10. ed. Tradução de: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2020.

KATZ, J. N. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. Prefácio de: Gore Vidal. Tradução de: Clara Fernandes.

LAQUEUR, T. W. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: *Relume-Dumará*, 2001. Tradução de: Vera Whately.

LERNER, G. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MINCA, C. Postmoderno e geografia. In: MINCA, C. *Introduzione alla geografia postmoderna*, Padova, Cedam, 2001, pp.1-84.

MINCA, C.; BIALASIEWICZ, L. *Spazio e politica*. Riflessioni di geografia critica, Padova, Cedam, 2004.

PAIVA, M. S. Teoria feminista: O desafio de tornar-se um paradigma. In: *R. Bras. Enferm.* Brasília, v. 50, n. 4, p. 517-524, out./dez., 1997.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PRECIADO, Paul B. Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

[Slam da Guilhermina-final 2017] Tawane Theodoro - Poesia - Eu não queria ser feminista. Disponível em: TAWANE THEODORO, 2021. Disponível em: <<https://camasantacasa.com.br/tawane-theodoro/>>. Acesso em 11 de jun. 2021.

WITTIG, M. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*.

Barcelona. Tradução de: Javier Sáez e Paco Vidarte. Editorial Egales, 2006.

WITTIG, M. The category of sex. *Feminist Issues* 2, 63-68, 1982.

WITTIG, Monique. The Straight Mind. In: *Feminism Issues*: Summer, 1980.